A LUTA

A liberdade perenne é uma conquista permanente.
Guerra Junqueiro.

ANNO I | Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 15 de Novembro de 1906 | NUM. 5

Este periodico manter-se-á com a contribuição voluntaria dos trabalhadores, e a sua publicação será, provisoriamente, quinzenal.

A correspondencia deve ser dirigida a Stefan Michalski, rua dos Andradas 64, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

APÊLO

Muitos operários que tomaram parte na última greve ficaram desempregados e encontram-se, como é bém de ver, em dificuldades económicas.

Alguns que são obrigados a sair desta capital não têm os recursos necessários.

Apelamos para o operariado em geral, afim de que concorram com o que puderem para auxiliar os seus companheiros desempregados.

E' a ocasião dos trabalhadores mostrarem o seu espírito de solidariedade.

Os que quiserem concorrer com alguma cota para minorar as dificuldades dos ex-grevistas, poderão enviá-la á redacção da LUTA, rua Andradas, 64.

÷

Quantia publicada.............. 13$000

J. Cesar de Alencastro 500; Maria Aurora 500; Luiz Augusto Cardoso 1$; Carlos Tofolo 500; José Contreiras 500; P. A. 500; Antonio Aquado 500; Max Híndorf 500; Batista 1$; Sabino Chincoli 2$; J. R. Gil 1$; Caserio 2$000........................ 10$500

Sôma...... 23$500

ESCUELA MODERNA

Com esta denominação existia em Madrid um grupo de estudos sociaes e de ensino livre e que já se tornára universalmente conhecido pelos serviços que vinha prestando á causa da instrução e da integral emancipação humana.

O principal fundador desta Escola, Francisco Ferrer, tem sido até aqui um honesto propagandista que todos esforços ha empregado para difundir por toda Espanha o ideal de justiça e liberdade que anima os corações generosos.

Esse homem, contra quem a policia não podia arguir a menor acusação, foi, por ocasião do atentado contra Afonso 13, preso e encerrado numa masmorra e a «Escuela Moderna» encerrada e todos seus bens confiscados. Tudo isso a pretexto de que o autor do atentado havia, em tempos, pertencido á «Escuela» e mantido relações com Ferrer.

Contra esse procedimento do jesuítico governo espanhol vão se levantando protestos por toda a parte do mundo onde se conheciam os elevados fins da «Escuela Moderna» e até onde chegou a notícia da iniqüidade cometida.

Que os governos *punam* os que cometam actos julgados por êles como *crimes* póde-se inda admitir que o façam dentro da sua *lojica*; mas pretender corresponsabilisar as pessôas que militem no partido a que pertenceu o *criminoso*, ou as pessoas que com êle tiveram relações, é uma tirania que revolta todo homem que julga ter direito de pensar livremente.

Juntamos os nossos aos protestos que se vão elevando, de toda parte onde ha homens livres, contra o procedimento iniqüo do governo espanhol.

Patriotismo burguês

Políticos de todos matizes e burguêses de todas castas, jornalistas de todos calibres e todas as classes conservadores do actual equivoco socíal, a cada passo e em todos tons, nos falam de patria e nos pregam patriotismo.

Sempre que procuramos fazer propaganda das ideías de confraternização e justiça que nos animam, encontramos a formidável barreira patriótica plantada na ignorancia das turbas e cimentada pela astucia interesseira dos que julgam na vigente sociedade, nada mais háver que desejar em perfeição.

Com que eloquência sabem os políticos, principalmente em vésperas de eleições, pontificar a «ideia santa do patriotismo»... com que pletóra de luminosas frases nos inundam os jornalistas patriotas quando se querem servir do povo para conquistar alguma posição e com que convicção nos falam do «amor pátrio» os rotundos burguêses quando pretendem, em mais uma «honesta especulação comercial», arrancar dos trabalhadores mais alguns vintens...

O inimigo é o estrangeiro, que nada vale, que para aqui veio porque morria de fome na terra de orígem. Tratam-n'os com desprezo, quasi como se humanos não fossem, e proclamam aos quatro ventos e com palavras retumbantes toda a grandeza desta terra incomparávelmente bela e extraordinariamente fecunda e onde só se respira liberdade... Linguagem semelhante, e com os mesmos fins, empregam os patriotas de todos países.

Perguntae-lhes: que é patria? e se não farão rogar para discorrer com proficiencia e ardor sobre a patria, falando de nossas flores, de nossos bosques, de nossos antepassados *guerreiros*, da beleza de nossas campinas e no verdor de nossas folhagens e até são capazes de terminar, para mais efeito, recitando aquelas quadrinhas da *«minha terra tem palmeiras»*... E, se alguem lhes responder que cada recanto do mundo tem os seus encantos e as suas belezas naturaes, êles redobrarão de eloquencia e chomarão monstro quem tal diga; pois quê! há, no mundo, um homem que não seja patriota? Que horror! Um homem que não considere tudo que existe em sua patria superior ao que porventura exista no resto do mundo!... E' inconcebível...

Tudo isso nos dizem e inda mais acompanhado de alguns desaforos, quando lhes falamos de substituir o sentimento mesquinho, egoístico e ilógico do patriotismo, pelo sentimento humanitário, altruístico, lógico e natural do internacionalismo.

Entretanto, essas convicções patrióticas da burguesia, a cada passo, são por ela propria desmentidas.

O grande negociante quando faz suas *transacções* não importa de onerar o mais possivel o pequeno negociante, seja êle nacional ou estrangeiro; por sua vez, êste procura despojar os fregueses sem cogitar a que nacionalidade êles pertencem.

O industrialista procura suas conveniencias sem indagar a que raça pertencem seus operários. Se os operários são estrangeiros, á menor reclamação, po-los-á na rua e pedirá ao governo, auxilio para reprimir a pretenção dos *gringos* ousados; tratando-se, porém de trabalhadores nacionaes, sem o menor constrangimento, o burguês ameaça que mandará vir operários estrangeiros para os substituir e pede ao governo garantia da «liberdade de trabalho». E contudo são patriotas!...

Quando se trata de seus interesses, o burguês não tem considerações de ordem patriotica; reserva-as para quando precisar convencer os operários de que devem ganhar pouco e passar mal, porque a patria está atravessando uma dificil crise, naturalmente eterna.

A última greve dos operarios desta capital veio provocar uma manifestação de franqueza de alguns burguêses, e que traduz perfeitamente o pensar de todos êles em toda a parte do mundo.

Os operários funileiros, em sua maioria nacionaes, de uma fábrica de banha puseram-se em greve pedindo a redução das horas de trabalho. Os donos da casa declararam solenemente que não acederiam a pedido algum dos operários e que, caso não quizessem êles voltar ao trabalho nas condições anteriores, fechariam a oficina até que chegassem operários dos Estados Unidos ou da Europa, donde os mandariam vir.

Depois dêsse facto esperamos que os trabalhadores deixem de acreditar em lérias patrióticas, e convençam-se que a patria do operário é o mundo e a do burguês o dinheiro.

P. S.

HISTÓRIA PROLETÁRIA

11 de Novembro de 1887.

O operariádo norte americáno, que cada día colhia uma désilusão das lutas parlamentares, em 1883, começou uma ação mais firme e mais ativa em prol de seus direitos e liberdades.

Das associações operárias, até então imobilisadas pela esperança falaz das reformas prometidas pelos parlamentàristas, começaram a se destacar grupos dos melhores e mais inteligentes propagandistas que se declararam francamente partidarios da ação diréta e procuravam convencer o proletariádo de que só ele próprio e com os seus proprios meios de ação poderia minorar os sofrimentos que o acabrunhava.

Desse movimento, em que tomaram parte saliente os "cavalheiros do trabalho", resultou a ficsação do dia 1.º de Maio de 1886 para a greve geral pelas 8 horas de trabalho.

Os proletários de toda a Republica, movimentaram-se na data aprasada, sendo, porém, a cidade de Chicago, o principal centro da ajitação grevista.

E' claro que os poderes constituidos não podiam vêr com bons olhos esse movimento, em que o proletariado demonstrava que já não mais acreditava nas promessas reformistas, com que, em todos os tempos e em toda a parte, sempre se procurou deter as aspirações do povo.

Era preciso, porém, um motivo que cohonestasse a tremenda repressão projectada. Esto apareceu no dia seguinte em que 15 mil trabalhadores se reuniam em comicio, numa das principaes praças de Chicago, para protestarem contra o procedimento da polícia que no dia anterior havia dispersado, a patas de cavalos e a cutiladas, uma reunião pacífica.

Ao finalisar esse comicio, em que uzaram da palavra os revolucionarios Spies, Parsons e Fielden, um esquadrão de carabineiros investia sobre a multidão, ferindo e matando brutalmente, e no meio do tumulto uma bomba estoirou. A polícia soube quem havia arremessado a bomba, porém, não lhe convinha descobrir esse individuo, afim de poder co-responsabilisar as pessôas que entendesse.

E forjou-se uma *lei especial* para que melhor pudessem ajir as autoridades.

Depois de inumeras prisões resolveu-se escolher os mais intelijentes e ativos ajitadores libertários para a punição. O processo instaurado foi uma monstruosidade: testemunhas falsas, juizes comprados a dinheiro e as mais infames mentiras formaram os autos.

Entraram em julgamento Augusto Spies, Neeb, Engel, Lingg, Fielden, Schwb, Fischer e Parsons. Este último conseguíra fujír, mas, no dia do julgamento, apresentou-se ao tribunal.

E, finalmente, na manhã do dia 11 de Novembro de 1887, pendiam da forca os corpos de Spies, Parsons, Fischer e Engel. Lingg suicidou-se na prisão; Fielden e Schwb tiveram suas penas comutadas por prisão perpétua e Neeb fôra condenado a 15 anos.

E foi esse o trájico epilogo do primeiro protesto feito pelos operarios a 1.º de Maio de 1886.

—

Em 1893, o governador do Estado de Illinois, Altgeld, cuja integridade e espirito de justiça valeu-lhe a perseguição e malquerença burguêsa, depois de dificil e minucioso inquèrito obteve a prova absoluta de que os oito condenados pela sanha feroz dos juizes aliados aos capitalistas eram inocentes. Foram postos em liberdade os que se achavam presos e reabilitada a memoria dos que haviam sido enforcados.

Nos considerandos do decreto de graça, o conciencioso governador proclamou infames os juizes, os jurados e as falsas testemunhas, comprados a peso de ouro pelos capitalistas americanos e ficou demonstrado que a sentença, adrede elaborada, fôra por ORDEM SUPERIOR pronunciada.

—

A ignominia burguêsa, porém, chegou ao requinte quando, por ocasião da última Exposição Universal de S. Luiz, numa galeria de "criminosos celebres" foram expostas as fotografias dos oito revolucionários que haviam sido reabilitados pelo governador de Illinois.

Essa é a justiçà, cujo relijioso respeito se nos impõem!...

—

Não cultuamos heróis; mas nesse dia, ao percorrermos essas pajinas da historia proletária, sentimo-nos alentados para a luta ao recordarmos a serenidade dos insubjugaveis lutadores que, firmes em suas convições, encaravam a falsa sentença burguêsa com o desprezo superior dos fortes, e pagavam com a vida a ousadia que tiveram de lutar pela emancipação humana, contrariando os interesses mesquinhos dos conservadores duma sociedade bazeada no erro e na especulação.

Quando se caminha em procura da verdade, não devemos occuparmo-nos em investigar se a multidão nos segue. — J. Grave.

PELAS CLASSES

Os gráficos

Chegamos, pois, a conclusão de que o trabalho por obra não presta; quanto aos jornais, êsse trabalho, desorganizado como está, é prejudicial ao operário, á empresa e até ao próprio público.

Sendo o horário estabelecido, os redactores não têm necessidade de ir á redacção antes das quatro ou cinco da tarde, pois que só se começará a compor ás 8; há tempo de sobra para revisar originais, o que evitará a alteração de provas, poupando assim muito tempo; o operário não é sacrificado; o proprietário pode dispor de seu tempo, tranqüillamente, pois sabe que a tal hora se começa a folha e que a tal outra está pronta; e o público terá o jornal á hora conveniente, bem feito e bem revisado.

Quanto ao trabalho por obra, nas livrarias — do momento que seja metodizado o dos jornais — não se verão elas obrigadas, ùnicamente por êsse facto, (as que ainda não têm) a estabelecer as 8 horas e a passar os poucos trabalhadores, que tiverem por obra, a trabalhar por tarefa, por dia ou por mês?

Digo isto porque a hipótese contrária — conseguir as 8 horas nas livrarias e, por êsse facto, os jornais as estabelecerem — não póde realizar-se. Há livrarias que tem 8 horas, e nem um jornal as tem *estabelecidas*.

Procurar conseguir primeiro nas livrarias e depois nos jornais êsse *desideratum* — é egoismo e inépcia. Egoismo porque não há uma só livraria em que o trabalho seja feito nas condições de alguns jornais e, portanto, deve procurar melhorar-se os que estão em péores condições e não alguns para os quais o trabalho não é tão rigoroso e exaustivo como para aqueles. E' inépcia, porque não penso que haja um só gráfico que pretenda sustentar de boa fé que — por exemplo: uma livraria onde foi suspenso o trabalho e pedidas as oito horas não vá achar nas oficinas dos jornais diários substitutos para todos os seus empregados, o que aliás acho justificável.

— E como não ser assim se, num jornal matutino o compositor despende 14 ou 16 horas, para ganhar, em média, 4$500, (o que poderia fazer muito folgadamente em 8 horas) e vêm convidá-lo par a uma livraria onde vai trabalhar dez horas apenas (o que os outros já achavam muito) só de dia e com um ordenado mensal de 150$ ou 160$?

E outra cousa não se póde exigir de operários que, como os gráficos, em tese, não tem noção alguma do que seja solidariedade operária e nunca ouviram dizer que a solidariedade humana é uma lei natural.

Felizmente o sindicato está fundado, que preencha os fins a que se dedica e que não podem ser outros que a instrução de seus membros e a consecussão de vantajens ao trabalhador gráfico, a começar pela metodização do trabalho, são os meus desejos.

Oxalá que os organizadores dêsse agrupamento consigam fazer comprender a seus membros que se deve procurar melhorar as condições da classe e não as do indivíduo; que se deve reformar um sistema e, não conseguir um privilléjio individual; fazer-lhes comprender que sem serem solidários nada absolutamente conseguirão, porque se um se esforça e consegue uma vantajem individual qualquer, no outro dia, um inconciente, se oferece sem aquela vantajem.

Oxalá, emfim, estas linhas contribuam, no minimo que seja, para dispertar nos gráficos a solidariedade adormecida.

Meus irmãos! só ACORDES, vinculados pela SOLIDARIEDADE, e com UNIDADE de vistas, poderemos marchar para o PROGRESSO.

Oliveira Diamico.

Empregados de bondes

E' realmente triste que os meus companheiros de trabalho e sacrifício, condutores e cocheiros, deante do movimento que, com tanta energía, se manifestou entre o operariado desta capital, não tivessem, sequer, ânimo de formular um pequeno protesto contra seus opressores.

Apenas, um que outro, mui tímidamente, conversava sobre o assunto com os colegas e, ás vezes, animava-se a dizer que nós bem podíamos aproveitar a ocasião para ver se podiamos melhorar de situação. A maioria das vezes essas palavras, não encontravam eco entre os que realmente são os unicos que poderiam interessar-se por suas próprias conquistas.

E' triste ver-se que entre os empregados de bondes muitos há que não tem, sequer, corajem de se queixar dos males que lhe afectam.

E isso acontece pela absoluta falta de solidáriedade que há entre nós, pois infelizmente meus companheiros inda não comprenderam todo o alcance da união dos trabalhadores duma mesma classe e a necessidade de se associarem para melhor resistir aos desmandos dos xefes e poderem lutar pelos seus direitos e liberdades.

E no entanto não seria difícil uma tentativa nesse sentido. Comprendida que fosse essa necessidade poderiam os condutores e cocheiros fundar uma associação e aí discutir suas necessidades e apresentá-las aos xefões e procurar fazê-las efetivas pela acção directa.

Muitos acham uma dificuldade em se reunirem os empregados de bondes em virtude do modo de seu trabalho. No entanto, para fundar uma associação poderia muito bem reunirem-se os que o pudessem fazer e lançarem as bases da mesma e, depois, cada um dos iniciadores encarregar-se-ia de enteirar os demais colegas do resultado e fazer propaganda para que aderissem á ideia e assim cnstituir-se-ia a sociedade.

Cada vez que houvesse uma sessão compareceria o maior numero possivel dos que estivessem de folga e os *enganchados* e resolveriam sobre os assuntos de interesse para a classe e, terminada, fazer-se-ia um resumo dos trabalhos que seria comunicado a todos associados e os que tivessem objecções a opor, a qualquer ponto, o faria por escrito ao secretário que as anotaria, e, num praso ficsado, no maximo de tres dias, verificada maioria de votos contrários a dada resolução da assembleia geral, convocar-se-ia outra sessão afim de resolver. Caso não houvesse nenhuma objecção, ou, se as houvesse de uma pequena minoria, estavam sancionadas as resoluções tomadas. De forma que quando fosse tomada uma deliberação com a qual não estivesse de accordo um socio, imediatamente este procuraria comunicar o seu não assentimento e as razões que o faziam a assim pensar. E assim as deliberações da assembléa só teriam valor com o assentimento da maioria absoluta.

Penso que deste modo se resolveria a dificuldade, que realmente há, em efeituarem reuniões os meus colegas.

Deixo aí a ideia. Oxalá seja aproveitada!

João Tranway.

Caixeiros

Companheiros da *Luta*. — Peço cederem-me um pequeno espaço nas columnas do periodico defensor das classes oprimidas.

Sabido é que os caixeiros das casas varejistas do centro, principalmente da rua da Praia, não se ligam com os demais, igualmente varejistas, das casas de molhados dos arredores e da chamada cidade baixa, e que são, aliás, em grande numero.

A razão dessa divergencia, entre membros duma mesma classe, igualmente sacrificados, não posso bem comprender sem recorrer aos sentimentos vaidosos que infelizmente obsecam muitos de meus colegas.

Entretanto, se procurassem eles, nessa questão do fechamento de portas, como noutras que porventura se suscitem, a solidariedade de todos os membros da classe caixeiral, sem distinção, não só, nós, do «baixo plano», gosaríamos das vantagens adquiridas, como muito mais fácil se tornaria o triunfo, pois é coisa velha que da união nasce a força.

Mas, assim não querem comprender os meus colegas e a comissão encarregada de concertar o tal convenio, não se dignou chegar até as casas da vizinhança do centro da cidade, para procurar a adesão dos patrões, entre os quaes muitos havia esperando apenas o pedido, para imediatamente aderirem.

E' original que os caixeiros centraes se manifestem solidarios com outras classes, e até com os industrialistas, pois, têm cedido seu salão para nele efeituaram reüuiões, e não se lembrem de procurar para suas reivindicações os seus proprios colegas.

São cousas...

J. Lopes.

Escola Elizeu Reclus

Sède: rua dos Andradas n. 64. Lições: terças e sextas-feiras, das 7 ás 10 horas da noute, diversas materias, e ás quintas, gymnastica suéca, das 7 ás 9 hs. da noute.

Delícias do sistema burguês

Um *padre*, — um *sacerdote da religião cristã*, um *monsenhor (s'il vous plais)*, um *principe da igreja*, enfim um senador da Republica dos Estados Unidos do Brasil, mandou, segundo se diz, por questões popolíticas, assassinar o dr. Fausto Cardoso.

Os filhos do morto. para tirar desforra, sairam de Sergipe, onde se déra o assassinato, foram ao Rio de Janeiro e por sua vez mataram o *principe da igreja*.

E eis aí os frutos da bela sociedade em que vivemos.

De um lado, o operariado lutando tenazmente para conquistar o direito integral á vida e do outro a grosseira burguesia a cada passo se engalfinhando por questões políticas, isto é, por questões de ambiciosas preponderancias. Entretanto, si a burguesia tivesse melhor compreensão das cousas, si ela fosse menos feroz e menos gananciosa, deveria compreender que é de seu proprio interesse armonizar suas tricas da melhor maneira possivel, comprender que nessas lutas de preponderancia de partidos políticos sempre haverá vítimas, comprender, enfim, que máo grado o apoio que tem da policia, da magistratura e de tudo o *farrancho* que constitue esta bonita sociedade, as idéas marcham e dia virá, mais ou menos prossimo, em que o proletariado há de necessariamente levantar-se numa pugna decisiva da qual por lógica conseqùência sairá vencedor.

As *classes dirijentes* que tudo mandam, legislam, fazem e desfazem leis á vontade, são as primeiras a nos dar o triste espetáculo do que é a sociedade atual. Cada dia é um escandalo que vem á baila: ora é um estupro, ou um adulterio reciproco acompanhado de assassinato ou envenenamento, ora um processo clamoroso onde os misterios das alcovas são espostos á apreciação pública, ou então são terriveis vinganças politicas, como a que se acaba de dar, ou ainda é um gordo desfalque nos cofres públicos, no dinheiro do povo, enfim, demonstram a falta absoluta de moralidade, emquanto nós, que sômos os párias da sociedade, lutamos pelas generosas idéas que hão de trazer a felicidade de todo o genero humano.

Os burgueses se devoram mutuamente, entretanto o mundo marcha!...

s. g. Seiras.

O ANARQUISMO

Não há um só homem honesto e de bom senso que, observando de perto as bases sobre que assenta o actual estado social, não reconheça que vivemos numa anomalia que é a causa permanente dos males que assoberbam e aflijem os povos de todos os paises.

Os princípios fudamentaes da sociedade actual representam unicamente os previléjios usurpados por uma determinada classe em detrimento da maioria dos individuos e lonje estão de satisfazer as necessidades humanas, sinão que cerceiam, em muito, a evolução moral e intelectual da humanidade em geral.

Vê-se que uma instituição nascida da audaciosa ambição dos mais atilados e sancionada pelo consentimento dos menos perspicazes, conseguiu se fortalecer e se arrogar direitos que obrigam a maior parte dos individuos a obedecer leis que contrariam, em absoluto, suas proprias e naturais tendencias e aspirações.

Essa instituição, que se convencionou chamar Estado, não é mais que a organização de defesa, não da sociedade como falsamente se intitula, mas duma casta que açambarcou toda a terra e estendeu seus dominios sobre todos aqueles que não possúem, para a luta pela vida,

mais que a vontade e os próprios braços para trabalhar.

E a classe monopolizadora da terra (propriedade inalienável de todos) e dos instrumentos de trabalho (produto dos esforços das gerações que se succederam; portanto, patrimonio da humanidade), apoiando-se nos direitos que lhe confere o Estado, que dela dimana, sujeita, pela coacção mais ou menos violenta, os individuos ás suas esplorações, valendo-se de que estes necessitam de qualquer modo procurar sua subsisténcia.

Para justificar essa violéncia, constantemente esercida sob diversas fórmas, inventaram umas tantas teorias, mais ou menos mentirosas e ás quaes pretendem dar lustre falando-nos de garantias de liberdades e justiça, como se possível fosse esistir justiça e liberdade numa sociedade que se baseiam e se caracteriza precisamente por uma profunda e injusta divisão de classes!

Com efeito, vemos que a classe trabalhadora, no actual réjime social, arca, directa ou indirectamente, com toda a carga que lhe impõe o Estado, não só para o sustentar como á burguesia, e, em recompensa disso, é a que sofre todas as necessidades, todas as injustiças e todas as misérias possíveis.

Ao passo que a classe burguesa, que nada produz, gosa de todas as regalias e vantajens, sem o menor esforço, (si as vezes o emprega é por mero diletantismo), inda soube achar meios de armar os próprios operarios para defender seus priviléjios, contra as possíveis revoltas dos esplorados.

*

Uma vista retrospectiva, quantos sistemas filosóficos e sociolójicos nos presenta á memoria!

Nas lutas que a espécie humana vem sustentando desde que o homem conseguiu equilibrar-se erecto outra preocupação não se observa e outro motivo não se encontra senão o aperfeiçoamento da espécie. São as soberanas leis da evolução natural propelindo os indivíduos para a superioridade. E' a vida desenvolvendo-se em todos os sentidos e procurando por todos os meios adquirir a intensidade completa que lhe é inerente.

O anarquismo nasceu da crítica desses sistemas e da observação das lutas que em prol de cada um dêles têm empenhado as passadas gerações; assenta sua filosofia sobre a concepção materialista da natureza.

Pretende e demonstra que o homem pode e deve viver numa sociedade onde não haja coação nem violéncia de espécie alguma em suas relações e onde a liberdade de acção individual será a segura garantia de progresso e de armonia social.

«A moral anárquica não procede de nem um código, de nem um dogma. E' pessoal, tem a sua orijem na propria vida que se espande, a sua sanção no modo de ser de cada indivíduo. E' individualista, se com isso se quer esprimir que reconhece *francamente* ter todo acto como motor o egoismo — o egoismo, não no significado estreito e vulgar de esclusivismo, mas no sentido real: manifestação do instinto de conservação. Esta moral tende a traduzir-se em actos de sociabilidade, porque o indivíduo ganha com o bem comum, é solidário com os outros, no bem como no mal. Kropotkine definiu-a: «Faze aos outros o que quererias que te fizessem.»[1])

Em economia os anarquistas são comunistas, isto é, sustentam que uma sociedade só será livre obdecendo ao princípio comunista — a terra propriedade de todos, a luta de todos contra o que de prejudicial aos homens tenha a natureza e a mutua cooperação dos esforços para a conquista da maior soma possível de bem estar.

Em politica os anarquistas, conforme indica a palavra com que vulgarmente é designada sua doutrina[2]), negam toda a influéncia determinante que possa ter o Estado ou qualquer outra instituição autoritaria que o substitúa, sobre as acções dos individuos na sociedade, e conceberam que é possivel e lójica uma organisação social baseada na iniciativa individual e no livre acôrdo, sem delegação de poderes ou de autoridade.

Em artigo subseqúente procuraremos desenvolver melhor estes pontos.

Cecílio Dinorá.

---

1) *O que querem os anarquistas,* de Jorge Thonar (Biblioteca da *Terra Livre,* São Paulo.)

2) *Anarquia,* do grego *an* (sem) e *arxy* ou *arkhé* (governo). "A palavra *anarquia,* pela sua orijem etimolojica, sintetiza e representa, uma idea social perfeitamente definida. No entanto tem havido escritores que não hesitam em corromper ou deturpar as palavras etimolójicas com interpretações figuradas, e actualmente empregam a palavra *anarquia* como sinónimo de *desordem* e *confusão,* como dantes faziam com a palavra *republica.* Essa corrupção infiltrou-se de tal fórma no povo rude, que ainda hoje se ouve a cada passo, entre o povo das aldeias, quando falam de qualquer desordem ou chinfrim: "aquilo é uma republica!" Ainda ha escritores das facções democráticas: republicana e socialista que empregam o vocábulo *anarquia* como sinónimo de desordem, mormente quando há qualquer conflito entre colectividades ou entre governos, etc. Porém, á medida que o povo se fôr instruindo e conhecendo a orijem etimolójica da palavra que esprime ideas de aspirações libertadoras, irá olhando com desdém para esses que corrompem o bom e verdadeiro sentido das palavras." (*A mulher,* pag. 122, de Soledad Gustavo, edição portuguêsa de 1901.)

ESPERANTO

Poucos ignoram, hoje, a extensão que tem tomado o movimento a favor da adopção de um idioma auxiliar único, de uma língua internacional neutra, tal como o *esperanto,* que, pela admiravel simplicidade de sua gramática composta de apenas dezaseis regras absolutamente sem excepções e por seu vocábulário scientificamente baseado na maior internaçionalidade adquirida pelos vocabulos; parece fadada a realizar essa multi-secular aspiração da humanidade — o homem, uma patria, uma lingua.

Não se apresenta, contudo, o *esperanto* a fim de fazêr desaparecer as línguas vivas naturais, que, antes pelo contrário, mais livres ficarão da prejudicial influência do intercâmbio constante de ideas entre as várias nações, e mais desafogadamente poderão seguir a linha de evolução que lhes é traçada pelos factores históricos.

Em suma, a lingua do dr. Zamenhof é *a língua internacional* como ela é possivel hôje em dia, tem seu fundamento nos conhecimentos positivos da sciência da linguagem, o que lhe valen a aprovação formal dos maiores filólogos dos últimos tempos — *Max Müller, Bournouf, Henry Philipps* —, e com ela evoluirá a par das línguas nacionais, com uma função tôda especial, cada vêz mais importante nessa época de acentuado cosmopolitismo, e que nenhuma daquelas poderia acumular.

A prova real da praticabilidade da lingua internacional está no êxito completo dos dois congressos realizados pelos esperantistas, o primeiro em *Boulogne-sur-Mer,* o ano passado, e o segundo em Genebra, em fins de Agosto do corrente; no primeiro fizeram representar-se cêrca de 23 nacionalidades e no segundo cêrca de 50!

Nada melhor podemos fazer para mostrar aos operários o alcance da adopção da lingua internacional, do que traduzir um dos artigos de *Samideano,* insertos na *Humanité* de 22 de Agoste de 1905.

„Quaes as conclusões práticas, pergunta o articulista, que se podem tirar deste congresso (de 1905)?"

Eis como responde.

„No *Esperanto* possue o mundo uma lingua internacional auxiliar *neutra,* pois é composta de elementos románicos e germánicos escolhidos de acôrdo com o seu máximo de internacionalidade; incrivelmente facil para aprender e praticar, isto é, lê-se correntemente ao cabo de um mês, escreve-se ao cabo de dois, fala-se e „entende-se" em três; ao alcance não só dos letrados (profanos sustentaram que para a aprender era preciso saber latim e grego!) mas também dos que não possuem mais que instrução primária e dos que só conhecem a língua materna (entre os congressistas havia professôres, empregados do Correio, das estradas de ferro, do comércio etc.); em fim, viu-se que tôdos os povos escrevem e falam sensivelmente da mesma maneira, de modo que ela permite a entrecompreensão, não só como qualquer outra lingua viva, mas muito mais perfeita e infalivelmente.

Acrescentemos a tantas qualidades uma vantagem que com muita habilidade o dr. Zamenhof fez sobresair em seu discurso de abrimento do congresso.

Quando pessoas de duas nacionalidades conversam numa das linguas naturaes, um dos interlocutôres é fatalmente subordinado, quando não sacrificado ao outro; aquele cuja língua materna é usada, involuntària e té inconscientemente, abusa dessa vantagem (fala muito ligeiro, pronuncia mal, emprega locuções familiares ou idiotismos etc.); o outro, ao contrário, sempre mais ou menos acanhado, esprime mal ou grosseiramente o que pensa, sente a sua inferioridade, do que secretamente se resente despeitado, inda que não sôfra em seus interesses.

Em oposição a isto, por meio de uma lingua *neutra,* igualmente estranha a tôdos os intorlocutôres, ou antes a todos igualmente familiar, encontram-se em condições de perfeita igualdada, sentem-se num terreno comum a todos os homens, onde mais não há nações grandes e pequenas, línguas privilegiadas e linguas sacrificadas.

Ao mesmo tempo torna se bem vivaa consciéncia da unidade fundamental do pensar e sentir humanos, ao se vêr que todas as ideias e todos os sentimentos, tão diversos, na aparencia, num povo e noutro, se esprimem num só e mesmo idioma; e, ao passo que se nos afigura sempre um pouco «bárbaro» quem fala língua estrangeira, sentimos instinctiva e irresistivel simpatia por quem fale a mesma língua que nós, e com quem podemos livre e directamente trocar ideas.

Continúa

Factos e Comentários

Congresso Operario

Da comissão organisadôra da Confederação Operária Brasileira recebemos, para distribuir pelas associações operárias do Estado, folhêtos contendo as resoluções do Congresso Operario e as bases do acôrdo para a confederação.

Emviámo-los a todas as associações operárias desta cidade, bem como a muitas, cujos endereços possuiamos, do interior do Estado.

Ainda temos alguns esemplares que remeteremos ás associações que no-los solicitar.

Com nôsco...

Um jornal noticiando o termo da *grêve,* concita os operários a se mais não deixarem arrastar „pela palavra falaz dos que nem são amigos, nem sequer operários são."

Estamos de perfeito acôrdo neste ponto: tanto que começamos por adverti-los a que não dêem ouvidos aos conselhos dos jornalistas burguêses

Comparando...

Lêmos algures: „o operario francês, independente, altivo e instruido, não imigra, por que não é abundante em pessoal e é fartamente retribuido".

Lêmos, assinado pelo jornalista Aureliano Scholl, no *Matin,* de 26 de Abril de 1892, que se publíca em Paris, capital da França: „Será possivel o que lêmos? 90.000 pessôas mortas de fome em França, o país mais rico da Europa, o qual, cercado duma muralha da china, tem com que alimentar todos os seus habitantes!"

Uma providencia...

Os srs. industrialistas desta capital, sempre tolerantes e bondosos, como afirma certa imprensa, depois da ultima greve adoptaram uma especie de *livretos de trabalho,* como já em tempos idos foi usado em alguns centros industriaes da Europa, principalmente na Russia.

Cada operario despedido de qualquer fabrica recebe um dos taes *livretes, atestadas,* ou cousa que ou valha, e onde vem consignado o motivo por que deixou de trabalhar o operario; por sua vez o patrão, a quem o operario desempregado fôr pedir trabalho, esijirá a apresentação do *atestado* e se o motivo constatado não fôr *desairoso* será aceito, do contrario já se vê que lhe será negado trabalho.

Desta forma pretendem os senhores industrialistas castigar os operarios que tiverem a corajem de protestar contra as esplorações de que são vitimas.

A adopção destes *atestados* é simplesmente infamante e compete aos trabalhadores, ao serem despedidos de alguma oficina, não os aceitar de fórma alguma. Pois a ser estabelecido esse novo modo de opressão dos capitalistas contra os operários, não duvidamos que dentro em breve os patrões entrarão tambem na apreciação dos actos mais intimos dos seus operários.

Como já esiste um regulamento de oficina que prescreve o numero de vezes que os operarios podem ir á latrina ou ao mitório não será de estranhar que venham tambem a figurar nos taes *atestados* as condições e o numero de vezes em que os operarios costumam satisfazer essas necessidades corporaes.

Os operarias devem se recusar a aceitar os infamantes *atestados.*

ECOS DAS OFFICINAS

A' ultima hora, recebemos um artigo tratando das condições de trabalho na Fabrica de Fiação e Tecidos e demonstrando inverdades publicadas em jornaes desta capital.

Deixamo-lo para o nosso prossimo numero.

Bases do Sindicalismo

O grupo produtor, núcleo social

Reconhecido como eixo social o acôrdo para a luta, a intelijéncia para a vida, segue-se que o modo de agregação da sociedade é o *agrupamento*, e para que a espansão do indivíduo não seja contrariada, para que siga sempre uma linha acendente, é preciso que a forma de agrupamento esteja em completa relação com as funções económicas, que, para o ser humano, se apresentam sob dois aspectos irredutíveis:

1.º Consumidor
2.º Produtor

Nasce o homem consumidor, — torna-se produtor. Tal é o processo normal.

Consumidor, — deve cada um sê-lo á sua vontade, tendo apenas em conta, nesta função, as suas necessidades, cuja satisfação se subordina forçosamente ás possíbilidades. O consumo é a medida do desinvolvimento social: quanto mais intenso for para cada um, mais elevado é o nivel do bem-estar.

Não é segundo essas indicações que se pratica o consumo na sociedade actual. Muito lonje de ser livre, está submetido a proibições e obstáculos que só por dinheiro se evitam. Ora como o *dinheiro* é açambarcado pela classe dirijente, é ela que, graças aos privilójios de que goza, consome a seu capricho. Em compensação, o trabalhador, que tornou consumíveis os produtos naturais — e isto em proveito do capitalista que o assalariou, — é colocado na impossíbilidade de consumir a seu gosto. Esta iniqùidade é intolerável. E' monstruoso que alguem — salvo as crianças, os doentes e os velhos — possa consumir sem produzir. E' ainda monstruoso que os produtores reais sejam privados da possíbilidade de consumo.

Embora o consumo seja mais importante que a produção, — pois que se consome muito antes da idade de produzir, — na organização social há necessidade de inverter os termos, pondo a produção no ponto de partida.

O produtor é a base de tudo, desempenha a função orgánica essencial, graças á qual se perpetua a sociedade. E' a célula inicial da vida económica e são o seu contacto e o seu acôrdo com os produtores cuja acção se eserce no mesmo plano que o seu — isto é, mesma indústria, mesmo ofício, esfôrço similar, — que vão revelar o laço de solidariedade cuja rede se estende á colectividade humana.

Esta necessária e logica intelijéncia entre produtores realiza o agrupamento da produção, pedra angular da sociedade. Nenhuma outra forma de agrupação tem este carácter de necessidade; todas são de essência secundária. Só êle é primordial e inelutável, só êle se apresenta como o núcleo social, o centro da actividade económica.

Mas, para que a função do grupo de produção se eserça normalmente, deve êle constituir um engrandecimento do indivíduo e nunca, sob qualquer pretêsto, resultar numa diminuição da sua autonomia.

A discriminação do papel primordial representado na sociedade pelo produtor e pelo grupo de que êle faz parte nessa qualidade, é sem dúvida relativamente nova. A identidade de interêsses e a comunidade de aspirações entre os produtores, coordenados segundo as suas necessidades, actividades profissionais e tendências não foram em todas as épocas, tão tanjíveis como hoje. A comprensão dos fenómenos sociais era estorvada pela ignoráncia, sem contar que o desinvolvimento económico não adquirira a ácuidade que tem actualmente. Outro impedimento a esta comprensão provinha da sôbre-vivéncia do papel preponderante anteriormente representado pelo agregado familiar. Num momento de progresso da humanidade, — quando ela se compunha quási esclusivamente de tribos de caçadores e pastores — a família desempenhára, com efeito, a função de núcleo social. Fenómeno esplicável pelo facto de, nessas remotas idades, a produção — tanto industrial como agrícola, — quási não transpor o círculo familiar; de modo que, bastando êsse agrupamento ás necessidades rudimentares, não viera ainda *a troca* modificar as condições de esistência.

Hoje, essas condições sofreram tal transformação que é impossível considerar a família como núcleo orgánico. Seria o mesmo que lejitimar todas as escravaturas, pois que todas derivam lójicamente da autoridade que o xefe de família proclama ter em virtude da sua fôrça e da sua ascendéncia.

Ninguem pensa afinal nesta regressão. Foi noutra direcção que a burguesia, ao alvorecer da sua revolução do 89, tentou aguilhoar as tendências para a sociábilidade do povo. Querendo carne de trabalho, — dócil, flecsível, maleável e privada de toda fôrça de resisténcia, — despedaçou os laços de solidariedade real da corporação, sob pretesto de estirpar privilójios de ofício, favoravecidos pelo antigo réjime. Depois, para preencher o vazio que acabava de fazer nas conciéncias populares e para evitar o renacimento da idea de associação com base económica que ela temia, manobrou para substituir os laços de solidariedade efectiva, resultantes da identidade de interesses, os laços fictícios e ilusórios do civismo e do democratismo.

A relijião que tinha servido aos poderosos da terra para sufocar e refrear as tendéncias para o melhoramento que impulsionavam o povo, passou ao segundo plano. Não que a burguesia desdenhasse o poder embrutecedor dêsse *freio*; mas considerava-o um sistema fora da moda, tendo feito o seu tempo. Jactou-se então de *voltaireana*, e comendo ao mesmo tempo padres, sujeriu á classe operária superstições pelo menos tão deprimentes como o cristianismo. *Soberania popular!... Pátria!...* tornaram-se os ídolos da moda.

Emilio Pouget.

MOVIMENTO OPERÁRIO

União Oparária Internacional

Em a noute de 7 do corrente efetuou-se uma sessão de assembléa geral desta associação operária e em que foram tomadas diversas resoluções de interesse geral.

O secretario acusou o recebimento do folhêto contendo as resoluções do Congresso Operário do Rio e as bases do acôrdo para a Confederação Operária.

A assembléa aprovou por maioria de votos a proposta apresentada para que a *União* oportunamente se feiie á Confederação Brasileira.

Sindicato dos Empregados em Madeira e oficios anecsos.

A 28 do passado, reunido no arraial dos Navegantes. regular numero de trabalhadores em madeira, foi fundado um sindicato operario para tratar dos interesses geraes da classe.

Foi nomeada uma commissão, nas pessoas dos operarios Augusto Schimmelpfening, Willelm Koffmann, Adolfo Hartmann e Adolfo Majenski, para assentar as bases da organisação definitiva do sindicato.

O sindicato dos empregados em madeira projéta tambem a creação de uma escola de ensino livre.

A LUTA

Grupo Editor de Propaganda

Vários companheiros resolveram fundar um grupo para a publicação de folhetos, livros, etc., de propaganda do nosso ideal. - Esse grupo obedecerá ás seguintes bases:

1. Cada *Série* terá pelo menos vinte e cinco sócios, contribuindo cada um com cinco mil réis (5$000).
2. Cada sòcio receberá 20 exemplares dos folhetos editorados na série.
3. O producto da venda será empregado na publicação de outro folheto, e assim successivamente.
4. Se houver excesso, será êle destinado á compra de brochuras e livros de propaganda já publicados em vários idiomas.

Destas obras cada sócio terá direito a recebêr *UMA* pelo preço do custo.

O primeiro folheto da *SÉRIE I* é

BASES DO SINDICALISMO

de Emilio Pouget, e, estando no prelo, aceitamos encomendas e sócios, desde já. — Preços:

1 exemplar.........	200 réis
10 exemplares	1.500 „
50 „	5.000 „
100 „	7.500 „
500 „	30.000 „

Os pedidos deverão ser dirigidos á redação d'*A Luta* — rua dos Andradas n. 64 — Pôrto Alegre.

A TERRA LIVRE

Periódico sindicalista. Assinaturas: série de 25 numeros 4$000; 12 2$000; 6 1$000. Rua Maria Domitilla n. 88 — S. Paulo.

NOVO RUMO

Periódico libertário, sai quando póde. Subscrição voluntária. — Rua do Hospício n. 210 — 1º — Capital Federal.

LA BATTAGLIA

Semanário em lingua italiana. Assinatura: ano 10$000; semestre 5$000; trimestre 3$000. Caixa postal 547 — São Paulo.

O VEHICULO

Mensário, orgam do C. de E. em Ferro-Vias. Rua da Conceição, 84 — 1º — Rio.

A LUTA

Nossa permuta

Recebemos durante a quinzena: *Rio-Grandenser Vaterland, Il Tempo, Pau Bate*, desta capital; *Rosicler*, de Taquary; *O Operario*, de Minas; *Terra Livre, La Bataglia*, de S. Paulo; *O Congresso*, do Rio; *El Obrero*, de Montevidéo.

Notas e avisos

A's pessoas que assinaram em listas de subscrição para aussilio do nosso periodico e não encontrarem seus nomes publicados na seção competente, pedimos trazer-nos suas reclamações afim de averiguarmos algum engano ou omissão que por ventura se possa dar.

Subscrição voluntaria

Lista da redação: Saldo do numero anterior 76$420; José M. dos Santos 2$; "União Operaria" (Bagé) 5$; Batista 2$. Krug 200; Guilherme Keller 800; R. Caliendo 1$400; A. V. 1$; Minervino de O. Campos 1$; E. Kure 200; F. Krug 200; Francisco Provitola 1$500; Alb. Matioli 500; Antonio Augusto 600; Alf. Tito Soares 500; Felicio Siga 400; Venceslau Maidecki 400; Bruno 100; Um saldo 400; José Francisco 500; Recebido de Mateo Carreta —resto de uma subscrição para o enterro de um companheiro, 5$800; Pascoal Pesce 500; Carreta (venda) 700; Felipe Krug 400; J. dos S. Filho 1$, Total 101$520.

Lista de Pedro Martins Dias Pereira: Manoel S. Vasques 520; Genoino de Souza Araujo 500; João Lopes 500; Mario Dias Lima 500; Manoel Gomes dos Santos 500; Octavelino Marques 500; Manoel Soares 1$000; Titto A. Silva 1$000; Ataliba Freitas 500; Fernando dos Santos 500; João Menezes 1$000; Deolindo Dias Pereira 500; Henrique Riva da Neiva 200; Waldemar 200; Paulino de Barros Paim 1$000; Victorino Rodrigues 500; Candido Rodrigues 1$000; Antonio Claudino 500; Adiodato Antunes de Oliveira 500; Lauriano Correa e Silva 500; Avulso 100; João Luiz Temetro 1$000; José Araujo 1$000; Christovão Anizette 1$000; Felipe P. Silva 500. Total 15$520.

Lista (n. 3) de José Rognone: Italo Damiani 1$; Eduardo Antunes 500; Pedro Lingoni 500; N. N. 300; G. Z. 600; João B. de Muniz 600; J. T. 2$; Vincindezo Stagcini 1$; Balthazar Scalas 1$; Anonimo 1$; Zaya 1$; Emilio Calegari 300; Pompeo Casali 200; Coopario Gastilli 400; Manoel Domingos de Souza 200. Total 10$600.

Lista de Adão Michalski: José Forti 500; Alcides J. Wol 1$; Arlindo Ozini 1$. Total 2$500.

Lista de J. Mazzaferro: Francisco Guaragna 500; Benedicto 500; Antonio Corrêa 1$; Octavio de Souza 500; Vitalino Rolenta 400; Agnel Tamujo 1$; Rosito Gaetano 400. Total 4$300.

Lista de Miguel Valero: Jacob Florentino 400; Ramon Camargo 300; Anónimo 200; J. O. 400; Carlos Streb 200; Ermenejildo Demenogh 500; Vicente Baron 500; Frederico Baron 200; Conrado Peukert 400; A. Traugot 300. Total 3$400.

Lista de Pedro Mayer: Reinaldo Tels 1$; Natalino 200; Fritz 200; Judeu sem alma 100; Miguel Brador 200; Henrique 100; Türk 100; Antiparlamentar 100; Carlos 100; São Pedro 200. Total 2$300.

Lista de J. Forti: Manoel Martins 1$; Antonio Angulo 500; Egydio Diniz 500; Anónimo 100; Nênê 300. Total 2$400.

Lista de J. Antonio Walmarath: José J. Teixeira, B. Fernandes, C. Sampaio, Z. J. Maciel e J. A. V., 100 rs. cada um. Total 500.

Lista de F. Raya: André Ibañez 1$; Para defender uma causa justa 1$; Yo 500. Total 2$500.

Lista de Ant. A. de Aguiar: Mario Santarem 300; Gomes de Abreu 100; A. Z. 100; Mario Passos 400; Carlos A. Silva 100; Um social 200. Total 1$200.

Balancete

Entradas:		
Lista da redacção......	101$520	
Diversas listas.........	45$220	146$740
Despesas:		
Subscrição dos grevistas.	5$000	
Sêlos e papel...........	$800	
Um sinete..............	5$000	
Impressão do 5º numero.	47$000	57$800
Saldo....................		88$940